

O corpo consagrado na obra de Rosa Esteves¹

Margarida Sant'Anna²

O que compõe o imaginário coletivo do homem contemporâneo? Dolly, a ovelha, ganha estatuto de *pop star*, supermodelos e superatletas são os representantes de uma nova estética totalitária. O culto à perfeição física revela a existência de um lado obscuro dos nossos desejos, (ou dos anseios impostos pelos mecanismos ideológicos “invisíveis” dos meios de comunicação e informação de massa). O conhecimento do corpo, tanto em termos privados como públicos, e suas implicações – de ordem estética, moral, ética, social, política – são mais que uma necessidade, uma urgência.

Em uma sociedade de consumo, o corpo humano não é mais do que qualquer outro produto susceptível de controle. Tratado como imagem – suporte passível de transformações potencialmente ilimitadas – a matéria corporal parece estar perdendo sua “aura”, ou seja, seu caráter de sacralidade e de unicidade. Com a clonagem, extensão narcísica de manipulações sobre corpo, o indivíduo se vê destinado à multiplicação serial, destino de reprodutibilidade no qual a forma estética dá lugar a uma forma política.

O trabalho de Rosa Esteves propõe uma exploração radical e poética da problemática do corpo: o questionamento da matéria, da aura, da morte física (mas também virtual, com o clone), da relação corpo/prótese, da dialética do real e da imagem, da natureza e da cópia fabricada. Investindo no conflito – e não na harmonia proposta pela ciência e pela mídia – Esteves caminha entre as diversas “poéticas do corpo” que se afirmaram nos últimos 30 anos sem, para tanto, optar por nenhuma exclusivamente.

¹ Texto inédito para *Corpo comestível*

² Pesquisadora em Arte contemporânea

Rosa não adere a uma “estética da mulher”. Seu trabalho é como uma prova da importância crescente do seu corpo íntimo como lugar de assimilação de uma ideologia. Por outro lado, coloca em evidência o aprendizado em função da diferença sexual e acentua, ao mesmo tempo em que embaça, os estereótipos impostos por meio de uma sutil estratégia artística. A beleza transfigura uma expressão kitsch – bolo de noiva, véu e grinalda, rosas e batom vermelhos, luto da mulher-medusa – ao mesmo tempo em que testemunha o poder social desse kitsch, ridicularizando, desse modo, uma reação de puro deleite estético. Por meio de um dispositivo cênico, Rosa se interroga sobre instituições sociais.

Dispositivo, o dicionário nos ensina, é um mecanismo que responde a determinadas funções. Muitas instituições sociais podem ser estudadas como dispositivo, como forma de estruturação do espaço em relação a diversos papéis assumidos pelos diversos sujeitos sociais e em função de finalidades pretendidas: o casamento, o luto, a visita ao museu. Todos os elementos do trabalho da artista compõem lugares que sugerem irremediavelmente ritos – matrimônio, sedução, morte. E portanto, as coordenadas tradicionais do espaço ritual são completamente ausentes. Locais de culto privado do qual jamais conhecemos as regras, uma tensão se instaura entre o que sabemos e o que vemos.

Diante de um real grau de contaminação e de alteração na nossa relação com a obra de arte – pela fetichização da mercadoria e espetacularização do objeto artístico –, a artista busca restabelecer o papel da arte na construção da subjetividade e restituir o calor cultural à obra de arte (e ao corpo). Uma necessidade, sem dúvida, de resistir às modalidades nas quais os ritos não mais ocorrem na nossa sociedade no confronto com a cultura mediática e consumista do mundo ocidental industrial.

A proposta da atual exposição/evento desafia com muito espírito nossa cultura de museu: de uma parte, a noção burguesa de santificação do objeto de arte nos

espaços institucionalizados e os códigos museológicos de prazer estético; de outra, a banalização do corpo humano na sociedade contemporânea, operando numa cultura, tais como são apresentados pelas mídias da era tecnológica. Na tentativa de salvaguardar a aura do corpo, diante da fascinação pela imagem e pelas possibilidades de transformações siliconadas, expõe nossa sociedade, que mediatiza o ser humano a ponto de torná-lo objeto e afirmar a defesa de seus direitos como tal, objeto e não mais sujeito.

A arte pode ser compreendida como metamorfose do desejo em realidade, da realidade em sonhos, e dos sonhos em ações transformadoras. E, nesse sentido, Rosa Esteves parece nos acenar uma possibilidade de existência mais profunda.

Abril de 2001